

Larosière vê melhores perspectivas para os endividados latinos

Dando como exemplos o Brasil e o México, o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière, afirmou ontem que melhoram as perspectivas de solução da crise representada pela vultosa dívida dos países latino-americanos, embora a situação continue difícil.

No discurso que fez durante a Conferência Monetária Internacional é Filadélfia, e que foi divulgado em Washington, Larosière disse que os descrentes se enganaram ao afirmarem há dois anos que a crise das dívidas externas não tem solução.

O que ocorreu nos últimos dezito meses foi alentador, disse o diretor-gerente do FMI, afirmando que a estratégia adotada pelas autoridades e organismos internacionais funcionou bem, embora manifestasse preocupação com as altas taxas de juros dos Estados Unidos. Os volumosos déficits orçamentários contribuem para manter os juros altos acima do normal, salientou.

Larosière fez a previsão de que talvez o Brasil e o México registrem índices de crescimento neste ano, recuperando-se da queda de sua produção no início da crise. No caso do México, assinalou que suas necessidades financeiras para o próximo ano talvez não impliquem novos empréstimos de emergência, bastando o crédito habitual, depois dos volumosos empréstimos dos US\$ 5 bilhões e US\$ 3,4 bilhões obtidos em 1983 e 1984.

RECOMPENSA

O diretor-gerente do FMI disse que os bancos deveriam recompensar os esforços dos países que procuram reajustar suas economias oferecendo-lhes condições mais brandas de refinanciamento com prazos maiores e mais fácil acesso aos recursos, para evitar as renegociações anuais.

Larosière disse aos diretores de mais de uma centena de bancos reunidos em Filadélfia que os países endividados precisam manter os programas de ajuste de suas economias, ao passo que a comunidade bancária deverá continuar colaborando com novos empréstimos e a concessão de melhores condições de pagamento.

Advertiu ainda que algumas das panacéias propostas nos últimos meses para aliviar a crise não atraem muito apoio e tendem a criar expectativas injustificadas, capazes, portanto,

de complicar o processo de ajuste necessário.

Tais panacéias também podem fazer com que certos fornecedores de empréstimos se afastem do processo de cooperação, o que dificultará a elaboração de novos pacotes financeiros, salientou Larosière.

A diretor-gerente do FMI apontou que quase todos os países com problemas recorreram ao Fundo em busca de ajuda para financiar os programas de ajuste, acrescentando que este organismo emprestou US\$ 22 bilhões desde meados de 1982 a 66 de seus países-membros. Porque estiveram vinculados ao ajuste, estes empréstimos atuaram como catalisadores de financiamento adicional numa escala muito maior, além de facilitarem o rescalonamento das dívidas, informou.

Disse ainda que, no caso da América Latina, os

países com programas do FMI conseguiram reduzir seu déficit combinado em conta corrente externa, de US\$ 41 bilhões em 1981 para US\$ 11 bilhões em 1983, ao passo que seu intercâmbio comercial subiu do déficit de US\$ 7 bilhões para o superávit de US\$ 24 bilhões.

É certo que grande parte deste ajuste externo implicou agudas reduções nas importações e no crescimento de muitos países... mas, se os programas do Fundo não existissem, teria sido inevitável um ajuste muito mais severo, disse Larosière. Acrescentou que apenas em 1983, mais de trinta países em desenvolvimento renegociaram compromissos de sua dívida externa, no montante de US\$ 40 bilhões, e que os bancos fizeram novos empréstimos, no valor de 25 bilhões.

"A fórmula é prosseguir com a estratégia que te-

mos", disse. "Esta estratégia está funcionando e precisa ser reforçada. Mas não esqueçamos que foi a debilidade das políticas nacionais e o financiamento indisciplinado, tanto de prestatários quanto de prestamistas, que causaram os problemas", completou.

Larosière disse, contudo, que a incerteza quanto à futura evolução dos juros constitui um motivo de preocupação. Para evitar uma situação na qual os países em desenvolvimento possam ser atingidos simultaneamente por altas taxas de juros e um retrocesso na recuperação mundial, devem ser adotadas urgentemente medidas para reduzir os déficits orçamentários, "especialmente nos Estados Unidos, onde a presente situação fiscal é de enorme importância para toda a economia mundial", ressaltou.